

REVISTA

Volume 7 • Número 7 • Maio de 2020

# EDUCACIONAL

Maya

## MINECRAFT EDUCATION EDITION

**“OS JOGADORES EXPLORAM  
MUNDOS E POSICIONAM BLOCOS  
PARA A CONSTRUÇÃO DE  
AMBIENTES E EDIFICAÇÕES”  
UTILIZANDO SUA CRIATIVIDADE.”**

“Os jogos eletrônicos podem ser usados  
como ferramenta para contribuir com o  
processo de aprendizagem e  
desenvolvimento de diversos saberes.”



  
Centro Educacional  
**Maya**

**“QUARTO DE DESPEJO”**

(...) Pioneira a dar voz aos que foram lançados à margem, em uma obra feita de reflexões, denúncias e reivindicações (...) trazendo para o centro da discussão os socialmente excluídos.”

**A INFLUÊNCIA DO MINECRAFT EDUCATION EDITION NA EDUCAÇÃO**

**Sede São Paulo SP**

Tel: 11 97135 6098

Rua Engenheiro Camilo Olivetti, 295 • Shopping Internacional Guarulhos  
Piso Térreo • Guarulhos SP • CEP 070420-40

**Polo Limão SP**

Tel: 11 3932-0600

Av Eulina, 84 • Jd Primavera • Limão SP • CEP 02755-140

**Polo Maringá PR**

Tel: 44 3029 7008

Av Dr Horácio Raccanello Filho, 5410 sala 2 • Centro • Maringá PR • CEP 87020-035



# SUMÁRIO

08

## **A INFLUÊNCIA DO MINECRAFT EDUCATION EDITION NA EDUCAÇÃO**

ALINE REGINA GONÇALVES TSUCHIYA

16

## **O USO DE FILMES PARA AMPLIAR A ATIVIDADE DE LEITURA**

TATIANE DE SOUZA SERAFIM

25

## **PSICOMOTRICIDADE E LUDICIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

FABIANA MUNHOZ

32

## **“QUARTO DE DESPEJO” DE CAROLINA MARIA DE JESUS: LITERATURA NEGRA COMO ATO DE RESISTÊNCIA NO BRASIL**

ROSANA KELLY BALDAN

41

## **UMA BIÓLOGA NA SALA DE LEITURA – RELATO DE UM PROJETO DE LEITURA INTERATIVA COM ANIMAL EM SALA DE AULA**

JAQUELINE VICENTINI FERNANDES



# “QUARTO DE DESPEJO” DE CAROLINA MARIA DE JESUS: LITERATURA NEGRA COMO ATO DE RESISTÊNCIA NO BRASIL



ROSANA KELLY BALDAN<sup>1</sup>

## RESUMO

Carolina Maria de Jesus, na década de 50, foi a pioneira a dar voz aos que foram lançados à margem, em uma obra feita de reflexões, denúncias e reivindicações - *Quarto de Despejo- Diário de uma favelada* (1960), que representou a realidade da periferia, trazendo para o centro da discussão os socialmente excluídos: negro, mulher, pobre, abordando uma visão psicossocial, constituída na interação entre indivíduo e ambiente social num momento de grandes transformações econômicas, que ao mesmo tempo, trouxe problemas sociais até hoje enfrentados pelas periferias. Neste contexto, Carolina, uma catadora de papelão, a partir de sua obra, um relato individual de sua história, produz uma representação acerca das identidades coletivas da favela do Canindé. A obra autobiográfica extrai possibilidades artísticas inovadoras num espaço marcado por intensa vulnerabilidade social e descreve o percurso histórico de transformação social e de busca de emancipação da autora/personagem, dando espaço para a valorização da Literatura Negra. A escritura de Carolina era o elo entre o mundo da favela e o mundo letrado. Munida dessa arma, imortalizou-se por meio do seu texto, apresentando passagens líricas, crítica social e consciência política, marcando e demarcando sua existência diante da sociedade

e do universo literário.

**Palavras-chave:** Carolina Maria de Jesus; Literatura Negra; Espaço Social; Favela.

Em 1947, Carolina Maria de Jesus chega à favela do Canindé, local em que vive até o início da década de 1960. Este período corresponde àquele que costuma ser chamado de democrático, o qual se inicia com o final da ditadura do Estado Novo (1937 a 1945), passa pelo período de redemocratização iniciado com o governo de Getúlio Vargas (1951-54) e sua política nacionalista, sendo sucedido por Juscelino Kubitschek (1956-61), com seu projeto desenvolvimentista e internacionalizante da economia brasileira e estende-se até as vésperas da instalação da ditadura militar (1964).

Neste contexto, os movimentos artísticos acreditavam na possibilidade de uma revolução brasileira, nacional-democrática ou socialista. Ridenti (2014) afirma que artistas e intelectuais tiveram um papel expressivo na construção da utopia de uma “brasilidade revolucionária”, que permitiria realizar as potencialidades de um povo e de uma nação, buscavam-se alternativas a modernização da sociedade que não implicasse na desumanização, no consumismo, no império fetichista da mercadoria e do dinheiro.

Com desejo de transformar o seu saber em poder e a necessidade de fazer uma literatura com uma identidade nacional, muitos artistas intelectuais se ligaram à militância comunista. Cultura e política se aproximaram e vários campos artísticos se consolidaram na década de 1950.

De acordo com o processo histórico

<sup>1</sup> Graduação em Letras pela Faculdade Fundação Santo André (2001); Graduação em Pedagogia pela Uninove (2010), Especialista em Ética, Valores e Cidadania na Escola pela Faculdade USP (2014), Especialista em Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva pela UNESP (2015); Professora de Atendimento Educacional Especializado na EMEF Presidente Prudente de Moraes e Professora de Ensino Médio - Língua Portuguesa - na EE Professor Aroldo de Azevedo.